



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

# ECPC LVT

março | 2025

## ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO  
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



### Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, a média da temperatura máxima do ar registada no mês foi inferior ao normal para a época e a média da mínima foi superior, de acordo com os registos da estação de Alcobaça. Ao longo do mês houve alguma oscilação nas temperaturas máximas e mínimas, tendo-se verificado maior variação nas temperaturas máximas na ordem de 12,8°C na estação de Alcobaça, de 12,1°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos e de 11,8°C na estação Santa Cruz (Aeródromo). A partir do dia 25 verificou-se uma subida da temperatura máxima com algum significado que se manteve até ao final do mês. Até ao dia 24 o céu apresentou-se em geral muito nublado e a partir do dia 25 verificaram-se dias de céu pouco nublado ou limpo. Foi particularmente elevada a precipitação ocorrida ao longo do mês, tendo sido alcançados valores acumulados muito acima do normal para a época. Durante as três primeiras semanas choveu praticamente todos os dias, na forma de aguaceiros e de períodos de chuva, por vezes bastante forte e pontualmente acompanhada por trovoadas e queda de granizo. Ocorreram dois períodos de maior intensidade de precipitação, um entre os dias 6 e 10 e o outro entre os dias 19 e 23, devido à influência da depressão Jana e da depressão Martinho, respetivamente, que condicionaram o estado do tempo nesses períodos. Durante o mês houve vários episódios de queda de granizo, destacando-se a ocorrência mais significativa no dia 3. Ao longo do mês houve formação de nevoeiro ou neblina matinal, esporadicamente até à terceira semana e com mais frequência a partir do dia 25. Não se verificaram condições para a formação de geadas.

O mês foi ventoso, particularmente nos períodos sob influência das depressões Jana e Martinho em que a força do vento foi muito superior ao normal, atingindo velocidades extremas e com capacidade destrutiva, acima de 120km/hora. Ao longo do mês foram registadas rajadas superiores a 40km/hora, oito dias na estação de Alcobaça, dez dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e treze dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

O número de horas de frio registado no mês foi pouco significativo, com 55 horas de frio na estação de Alcobaça, 31 horas na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e 26 horas na estação de Torres Vedras/Dois Portos. No Baixo Oeste, embora a situação fosse ligeiramente mais favorável do que no ano anterior, o número de horas de frio acumulado situava-se ainda distante das necessidades das principais espécies fruteiras cultivadas. Já no Alto Oeste a situação apresentava-se mais favorável em resultado do número de horas de frio acumuladas nos meses anteriores.

Devido aos elevados níveis de precipitação, em 31 de março a totalidade dos concelhos do Alto e do Baixo Oeste encontravam-se à capacidade de campo CC (> 99), situação verificada desde o dia 12.

Durante o mês foi muito elevada a disponibilidade de água no solo e para o abeberamento das espécies pecuárias. Não houve necessidade de rega nas culturas de ar livre. No final do mês, as reservas de água superficiais apresentavam volumes de armazenamento superiores aos do mês anterior e acima do normal para a época.

O estado do tempo condicionou fortemente a agricultura ao longo de todo o mês, designadamente em termos de plantações e colheitas, adubações e tratamentos preventivos de doenças provocadas por fungos e bactérias, não tendo permitido a realização de uma boa parte das operações devido à chuva persistente e ao excesso de água no solo.

Os ventos excessivos que se fizeram sentir principalmente durante a depressão Martinho provocaram queda de árvores e danos em estruturas, como apoios agrícolas e estufas, provocando perdas de produção. Não foram realizadas a maior parte das colheitas de forragem para alimentação das espécies pecuárias estabelecidas. Houve problemas de asfíxia radicular nas culturas de cereais praganosos de outono-inverno, prejudicando o desenvolvimento normal das plantas e perdas na cultura por morte das plantas, principalmente no trigo. Algumas sementeiras mais tardias de cevada não foram realizadas e alguns campos tiveram de ser ressemeados. Ocorreram problemas fitossanitários nas culturas cerealíferas com o surgimento de doenças provocadas por fungos. Houve um ligeiro atraso no início do ciclo vegetativo dos pomares e das vinhas. Houve problemas de asfíxia radicular e de mildio nas searas de batata que diminuíram o desenvolvimento vegetativo e a capacidade produtiva das plantas. A maior parte das novas sementeiras de batata previstas para março não foram realizadas. As sementeiras de primavera como o milho e o feijão, habitualmente iniciadas em março, também não foram realizadas. O mês também foi difícil para as hortícolas de ar livre. Houve dificuldade em fazer novas plantações de abóbora e couves e em realizar colheitas de couves. O vento forte causou alguns danos nas plantações de couves. A dificuldade de realização de novas sementeiras de cenouras e as perdas consideráveis com o arrastamento e morte de plantas, nas sementeiras de janeiro e fevereiro, poderão provocar menor oferta de produto nacional no final de junho e no mês de julho. Nas culturas protegidas houve prejuízos consideráveis nas estruturas e nos plásticos das estufas com perdas significativas de produção, principalmente de morango e de tomate, no concelho de Torres Vedras.

No **Médio Tejo** o mês de março caracterizou-se como muito chuvoso e frio. Registaram-se menores amplitudes térmicas diárias, ainda com alguma

variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 9,6°C e de 10,3°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega. Na estação meteorológica de Alvega de acordo com a Normal Climatológica 1981-2010, a temperatura máxima mais elevada verificou-se superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se muito inferior à normal para a época.

O número de horas de frio acumulado neste mês foi bastante significativo, destacando-se na estação meteorológica de Alvega, a acumulação de mais 100 horas de frio relativamente ao mês anterior.

Os dias decorreram maioritariamente com o céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade e formação de neblina ou nevoeiro matinal. Apenas no final do mês se verificaram dias com pouca nebulosidade e céu limpo.

No que respeita ao vento, esteve essencialmente entre fraco a moderado, com exceção de dois períodos, nos dias 7 e 8 e nos dias 19 a 23, em que soprou com maior intensidade, entre moderado a forte.

O mês foi muito chuvoso, tendo-se registado mais dias ( $\pm 10$ ) com precipitação comparativamente ao mês anterior. A precipitação foi frequente ao longo do mês com exceção da última semana, sendo mais intensa na segunda e terceira semanas em ambas as estações meteorológicas. Relativamente à precipitação normal para a época na estação de Alvega, a precipitação acumulada no mês (mm) traduziu-se num acréscimo de 349%.

Em ambas as estações meteorológicas a humidade relativa média do mês verificou-se um pouco inferior à do mês anterior. Ao longo de março a humidade relativa média manteve-se semelhante à registada no mês anterior, notando-se uma efetiva descida na última semana.

O teor de água no solo na generalidade dos concelhos da região, no final do mês, situava-se à capacidade de campo, no índice CC (>99).

Excecionalmente, verificou-se nos concelhos de Alcanena, Torres Novas, Ourém, Ferreira do Zêzere e Mação uma mancha situada no índice CC [81-99]. Nas zonas sul dos concelhos de Alcanena e de Torres Novas verificou-se ainda uma zona situada no índice CC [61-80].

No final do mês verificava-se uma elevada disponibilidade de água no solo comparativamente ao mês anterior.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, no geral as chuvas não causaram prejuízos maiores na região, beneficiando até grande parte dos solos. Relativamente às pastagens permanentes de sequeiro e aos prados de regadio, estas culturas foram beneficiadas pelas condições climáticas ocorridas ao longo do mês, encontrando-se com um bom desenvolvimento vegetativo, permitindo a entrada dos efetivos pecuários em pastoreio direto. No entanto, essas condições climáticas atrasaram as operações agrícolas das culturas de primavera-verão. Concretamente, no que respeita à cultura da batata para indústria, a instalação da cultura foi iniciada como habitualmente em fevereiro, contudo, as chuvas intensas e frequentes causaram a interrupção da operação no decorrer do mês, só sendo retomada na última semana, considerando-se um atraso relevante na instalação desta cultura. No que respeita às culturas cerealíferas de outono-inverno, estas decorreram com algumas dificuldades nas searas localizadas em solos com um nível elevado de encharcamento, com o surgimento de folhas amareladas em zonas mais alagadas. Verificaram-se algumas situações pontuais de acama em zonas onde o vento soprou com maior intensidade e as chuvas foram mais fortes. Relativamente aos pomares de citrinos, em especial de limão, cuja colheita tinha sido iniciada no final de fevereiro, a mesma foi interrompida por diversas vezes face às condições climáticas verificadas na

região, encontrando-se assim bastante atrasada. Prevê-se a conclusão desta colheita em maio.

O vento mais forte provocou a queda de muitos frutos e uma grande parte dos que permaneceram nas árvores encontravam-se danificados na casca pelo efeito da chuva/granizo e vento mais forte.

Na **Lezíria do Tejo**, a temperatura máxima mais elevada foi superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época.

O número de horas de frio acumuladas na estação meteorológica de Santarém atingiu valores superiores relativamente ao registado no mês anterior.

Na região o vento foi em geral forte.

O teor de água no solo nos concelhos de Almeirim, Alpiarça, Azambuja, Cartaxo, Golegã, Rio Maior, Santarém e Chamusca atingiu a capacidade de campo, índice CC (>99). Uma pequena área localizada a norte no concelho de Santarém situava-se no índice CC [61-80].

Ao longo do mês verificou-se uma boa disponibilidade de água no solo, não havendo necessidade de regar e não se registando faltas de água para o abeberamento dos animais.

No que diz respeito à influência do estado do tempo na agricultura, nos citrinos, nomeadamente nas laranjas, notou-se que as árvores estavam ligeiramente amareladas devido à ocorrência de fortes chuvadas que se verificaram em algumas zonas.

No **Baixo Sorraia**, a temperatura máxima mais elevada foi superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época.

O número de horas de frio acumuladas na estação meteorológica de Coruche atingiu valores superiores relativamente ao registado no mês anterior.

Na região o vento foi em geral forte.

No final do mês o teor de água no solo em toda a região atingiu a capacidade de campo, índice CC (>99).

Não se verificou ao longo do mês carência de água no solo, considerando-se suficiente para o abeberamento de animais.

Tal como na Lezíria do Tejo, no pomar de laranjeiras, notou-se que as árvores estavam ligeiramente amareladas devido à ocorrência de fortes chuvadas.

Na **Grande Lisboa** assinalaram-se grandes oscilações de temperatura ao longo do mês. A temperatura máxima mais elevada foi superior à temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa foi inferior à normal para a época.

O número de horas de frio acumulado na Grande Lisboa foi cerca de 11% superior ao número registado no mês anterior. Devido à estação meteorológica (Lisboa/Gago Coutinho) se situar num meio extremamente urbano, perto do mar e do rio Tejo, o número de horas de frio desta região é muito inferior ao registado nas estações das regiões limítrofes.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por céu geralmente muito nublado com ocorrência de períodos de chuva e aguaceiros, à exceção da última semana do mês que foi de tempo quente e seco.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado, soprando por vezes forte na faixa costeira. Aquando da depressão Martinho ocorrida no final da terceira semana de março, foram registadas as rajadas mais intensas no Cabo da Roca.

O mês foi muito chuvoso, tendo sido registados mais doze dias com precipitação comparativamente ao mês anterior, traduzindo-se num aumento da precipitação acumulada em cerca 370% do valor normal para a época.

Na estação meteorológica de Lisboa a humidade relativa média do mês foi menor mas muito próxima da registada no mês anterior.

Os valores do teor de água no solo aumentaram na sua generalidade, resultado da precipitação ocorrida nos últimos meses aliada à elevada humidade relativa, registando-se níveis de saturação à capacidade de campo, índice CC (>99) em praticamente todos os concelhos da região.

As reservas de água superficiais apresentavam-se com níveis superiores aos do mês anterior, muito acima do normal para a época, não havendo necessidade de regar e não se registando faltas de água para o abeberamento das espécies pecuárias.

À exceção dos últimos oito dias, o mês foi excessivamente chuvoso o que fez com que o corte de azevém ficasse comprometido e adiado por os solos estarem muito encharcados, impossibilitando a entrada e o trabalho de máquinas agrícolas. Alguns cereais foram afetados por fungos e por apodrecimento radicular devido ao excesso de humidade. A adubação e a aplicação de herbicidas e fungicidas nas culturas de outono-inverno foram realizadas com recurso a drones e a máquinas mais leves, algumas com rodados de ferro indicados a entrar em terrenos encharcados. A lixiviação dos terrenos mais drenados foi uma preocupação patente ao longo do mês, estimando-se menor qualidade nutricional dos cereais praganosos. O excesso de água no solo, a falta de luz solar e as baixas temperaturas tiveram repercussões nas videiras provocando asfixia radicular, o que atrasou o seu desenvolvimento vegetativo. Também os limoeiros foram prejudicados pela precipitação e humidade elevadas, propícias ao surgimento de doenças. Durante a passagem da depressão Martinho houve registo de danos materiais na região, nomeadamente em *pivots* de rega, o que se traduziu nos inerentes prejuízos económicos para os produtores.

Na **Península de Setúbal**, o mês decorreu frio. Caracterizou-se por temperaturas máximas com algumas oscilações ao longo do mês, sendo mais significativas no início e no final desse período e abaixo

do normal para a época até ao dia 24. As temperaturas mínimas registaram algumas oscilações ao longo do mês, frequentemente acima do normal para a época e sem ocorrência de temperaturas negativas. A maior amplitude térmica diária foi de 20,5°C e registou-se no dia 31 na estação de Setúbal.

À semelhança do verificado no mês anterior, as horas de frio acumuladas nas estações meteorológicas de Setúbal e Pegões atingiram valores superiores relativamente ao registado no ano anterior.

Nas três primeiras semanas os dias decorreram com céu geralmente muito nublado, verificando-se a ocorrência de nevoeiro, granizo e trovoada na primeira semana. Na última semana o céu esteve geralmente pouco nublado ou limpo.

O vento soprou em geral fraco a moderado, por vezes moderado a forte, com maior intensidade entre os dias 7 a 11 e 19 a 23.

O mês decorreu muito chuvoso na região, com ocorrência de precipitação ao longo do mês e até dia 23. Na estação de Setúbal, o valor da precipitação acumulada no mês corresponde a 341% do valor normal para a época.

No final do mês as reservas de superfície apresentavam muita quantidade de água. A continuação de infiltração de água em profundidade, propiciou o aprovisionamento de água nos solos.

O teor de água no solo aumentou relativamente ao mês anterior. No final de março os solos de toda a região atingiram a capacidade de campo, índice (CC >99), situação que também se verificava em igual período do ano passado.

Não se verificaram situações de escassez de água para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, de salientar os prejuízos materiais provocados pela depressão Martinho a nível de coberturas das culturas protegidas, designadamente do morango, bem

como de estruturas edificadas. À semelhança do ocorrido nos meses de janeiro e fevereiro, a precipitação acumulada nos solos em março provocou encharcamento em determinadas zonas, condicionando a intervenção de máquinas e equipamentos necessários aos trabalhos agrícolas, nomeadamente a nível de fertilizações e de tratamentos fitossanitários. Durante o mês as adubações frequentemente foram atrasadas ou não foram efetuadas devido ao encharcamento dos terrenos e à sua ineficácia nessas condições. Efetivamente, em solos arenosos, comuns na região, com teores de água muito elevados a lixiviação dos nutrientes é também elevada, sendo pouco eficazes os produtos aplicados e elevados os custos monetários decorrentes dessas aplicações. Nalguns casos a situação não se revelou tão limitante, sendo as adubações e os tratamentos fitossanitários efetuados em períodos sem precipitação. Também a aplicação de herbicidas foi dificultada pelas condições climáticas. Nas prunóideas, nomeadamente na ameixeira, as condições de encharcamento dos solos, com consequentes situações de asfixia radicular e a existência de muita humidade, poderão condicionar a fecundação e o vingamento do fruto, o que constitui já uma preocupação para os produtores da região, que temem quebras elevadas na produção. Nas vinhas as condições climáticas verificadas ao longo das três primeiras semanas do mês, com muita precipitação e temperaturas baixas, retardaram o ciclo, sendo que alguns produtores tiveram problemas com as chuvas a nível do encharcamento dos solos. No entanto, a última semana do mês, sem precipitação, com temperaturas elevadas e dias ensolarados aceleraram o desenvolvimento da vinha.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações.



**Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal**

### Oeste

O excesso de humidade nos solos e a subida das temperaturas no final do mês levaram ao surgimento de doenças provocadas por fungos nas searas de trigo mais adiantadas e nas searas de aveia, com maior intensidade nas zonas mais baixas onde os terrenos ficaram mais encharcados. Nas searas de trigo foram observadas manchas foliares associadas a ferrugem ou septoriose. Na aveia foi identificada uma forte presença de ferrugem. As condições meteorológicas dificultaram a realização de tratamentos preventivos. Ainda não é possível avaliar eventuais prejuízos resultantes do surgimento destes fungos. Não foi ainda identificada a presença de javalis nas searas, apesar de ser habitual.

Nas vinhas para vinho, ainda não tinham sido observados focos de doenças fúngicas, o que é normal uma vez que estava ainda a iniciar-se o ciclo vegetativo. Mas com a humidade elevada e a subida das temperaturas, as plantas, entre o estado de gomo de algodão e as 2-3 folhas livres, são suscetíveis à escoriose e as mais adiantadas são sensíveis ao míldio. Já foram dadas recomendações aos produtores para a realização de tratamentos preventivos, fundamentais para garantir a proteção da cultura.

Nas pomóideas, pereiras e macieiras, não ocorreram problemas fitossanitários significativos. Apenas foram identificados ataques pontuais de pedrolho e de tesouras. Foram emitidos modelos de previsão de infeção por fogo bacteriano, dado que a bactéria tem dado sinais de atividade e as condições climáticas têm sido favoráveis ao desenvolvimento da doença, sobretudo nos pomares de pereiras mais adiantados. Houve falta de oportunidade para a realização dos tratamentos necessários devido às condições

climáticas. Não foram registados prejuízos causados pelas situações de fitossanidade descritas.

Na cultura da batata verificaram-se ataques de míldio, em alguns casos de forma severa devido à elevada pressão da doença ter ocorrido numa fase de maior sensibilidade do desenvolvimento da cultura, causando prejuízos na produção. Houve dificuldade de realização de tratamentos preventivos devido à impossibilidade de as máquinas entrarem em alguns terrenos.

Nas hortícolas em estufa, face aos estragos nas estruturas e nos plásticos de cobertura que no final do mês ainda não estavam repostos pela falta de mão-de-obra, esperam-se perdas de produção decorrentes do surgimento de doenças fúngicas como o míldio e a podridão cinzenta, bem como de outros aspetos fitossanitários que possam vir a ocorrer devido às alterações das condições do seu meio ambiente controlado.

### Médio Tejo

Nos cereais praganosos de outono-inverno, verificou-se o surgimento de doenças fúngicas, como o oídio e a ferrugem, decorrentes das chuvas (humidade no solo) e do calor verificado nos últimos dias do mês. Foram, no entanto, efetuados tratamentos sempre que possível, revelando-se eficazes. No geral as searas encontravam-se saudáveis, com exceção das localizadas em solos muito encharcados, sem tratamentos realizados em tempo útil pela impossibilidade de entrada de máquinas nos terrenos, receando-se o comprometimento do desempenho produtivo destas culturas.

Nos pomares de limoeiros, verificaram-se ataques de lagarta mineira e de afídeos, principalmente de piolho, nas novas rebentações. Os tratamentos à base de cobre foram eficazes no combate dos focos de míldio surgidos nos pomares, encontrando-se a doença controlada no final do mês.

## Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos citrinos, a precipitação ocorrida impossibilitou a realização de tratamentos fitossanitários para o combate ao míldio e antracnose. No entanto, na penúltima semana do mês, quando o terreno permitiu a entrada das máquinas, foi efetuado um tratamento com fungicida orgânico.

Prevê-se no início do mês de abril a aplicação de fertilizantes com maior incidência em azoto, fósforo, cálcio e magnésio.

## Grande Lisboa

Houve registo de infestantes e de fungos nas searas de culturas forrageiras e de cereais de outono-inverno, situação que não esteve fácil de combater devido à dificuldade de entrada de máquinas agrícolas nos terrenos encharcados para a devida aplicação de herbicidas e fungicidas, cuja eficácia foi comprometida pela persistente pluviosidade. Na vinha foram realizados tratamentos preventivos para a escoriose, doença da videira causada pelo fungo *Botryosphaeria spp*, bem como para diversas formas hibernantes de insetos e de ácaros. Ainda nalgumas vinhas verificaram-se ataques de caracóis, para os quais foram colocados iscos atrativos na base das cepas. Nos pomares de limoeiros, apesar de terem sido realizados os devidos tratamentos preventivos, houve registo de danos provocados por antracnose, alternariose e septoriose, observando-se frutos e folhas afetados por estes fungos.

## Península de Setúbal

Os tratamentos preventivos contra as doenças do lenho na vinha (Escoriose, Esca), que deveriam ser realizados até às 2 a 3 folhas livres, não foram efetuados em muitas vinhas devido às condições climáticas adversas e à impossibilidade de manobrar as máquinas agrícolas no terreno. Esta perda de *timing* na realização destes tratamentos pode constituir um problema, propiciando o surgimento destas doenças. Relativamente ao míldio, apesar da precipitação ocorrida as temperaturas não

foram elevadas, pelo que não se verificaram problemas com a doença.

Nas tangerineiras verificou-se a incidência de afídeos.

Também no caso da batata, devido às temperaturas não terem sido muito elevadas apesar da precipitação ocorrida, a incidência de míldio não é ainda muito significativa, sendo que no próximo mês poderá ocorrer maior incidência desta doença.



**Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior**

No **Oeste** as pastagens (de sequeiro e em geral espontâneas), apresentavam uma boa disponibilidade de matéria verde para as espécies pecuárias em pastoreio, normalmente pequenos ruminantes. A precipitação elevada e a ausência de geada permitiram um bom desenvolvimento vegetativo das pastagens ao longo do mês. O estado do tempo também foi favorável para o desenvolvimento das culturas forrageiras anuais, principalmente para as sementeiras mais cedo. As sementeiras mais tardias apresentavam um desenvolvimento inferior ao normal devido à impossibilidade de terem sido realizadas as adubações necessárias e ao excesso de água no solo. Em relação às colheitas, no Alto Oeste, nos campos mais adiantados os primeiros cortes de forragem deveriam ter sido realizados no início de fevereiro e os segundos no final de março. No Baixo Oeste os primeiros cortes deveriam ter sido realizados na segunda metade do mês de fevereiro. Contudo, no final de março muitas colheitas encontravam-se ainda por realizar devido à impossibilidade de circulação de tratores nos terrenos.

Apesar de não ter chovido na última semana do mês, os terrenos não tinham ainda secado o suficiente. As forragens mais adiantadas aproximavam-se do limite para serem colhidas por estarem a iniciar o espigamento, com perda de qualidade nutritiva em resultado da redução do nível proteico e de maior dureza das fibras das plantas. Apesar de ainda existir silagem armazenada do ano anterior, não tem havido reposição dos volumes armazenados devido à perda de um corte de forragem. Este ano a disponibilidade de forragem e silagem poderá ser inferior ao esperado porque o atraso nos primeiros cortes irá comprometer os cortes seguintes. Devido à menor qualidade proteica da forragem poderá haver necessidade de ajustamentos na composição das rações industriais, com um reforço proteico da formulação, o que poderá traduzir-se num aumento de custos de produção animal.

No **Médio Tejo** as pastagens permanentes de sequeiro e os prados de regadio encontravam-se em bom estado, verificando-se que algumas espécies, tais como os trevos e o azevém, já se encontravam em floração. No final do mês, nas pastagens permanentes de sequeiro semeadas, inclusive nas que foram semeadas este ano, foi já possível efetuar um a dois cortes a dente. As forragens anuais, em especial o azevém, encontravam-se com um bom desenvolvimento vegetativo e avançado, verificando-se a oportunidade de iniciar um primeiro corte para forragem verde na última semana do mês. Os dias de sol verificados no final de março foram animadores para a produção de forragem, processo só interrompido pela chuva. Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, encontravam-se em pastoreio, com exceção da recria, que ainda necessitava de ração industrial.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, durante o mês houve um grande desenvolvimento das pastagens devido à pluviosidade e também à elevada temperatura para a época. Perspetiva-se um bom ano para produção de fenos.

Na **Grande Lisboa**, devido ao tempo frio e falta de incidência de luz solar, os prados e as pastagens tiveram alguma dificuldade na sua regeneração. Nas searas de azevém registaram-se algumas situações de folhas amareladas derivadas do excesso de humidade radicular. Foi possível a adubação nas zonas mais altas e drenadas, onde o azevém está mais atrasado, com cerca de 40cm de altura. Nas zonas mais baixas mantém-se Joelheiro, com cerca de 70cm. O tempo frio inibiu o desenvolvimento vegetativo do azevém evitando que espigasse, o que foi positivo pois, caso contrário, ficaria a danificar-se na terra, uma vez que devido ao encharcamento dos solos não seria possível o seu corte, o qual se prevê para final de abril ou maio. Estima-se uma redução da qualidade e quantidade das culturas forrageiras para o corrente ano agrícola e prevê-se que se se conseguir o seu corte em maio, apenas para finais de junho estará disponível como fenossilagem. Devido à dificuldade de entrada dos animais nos terrenos encharcados, o pastoreio das diversas espécies pecuárias foi minimizado, havendo necessidade em recorrer a alimentação suplementar sobretudo com feno, palha e ração.

Na **Península de Setúbal**, os prados, pastagens e culturas forrageiras, apesar de se apresentarem com elevado teor de água no solo, no final do mês estavam com muito bom desenvolvimento vegetativo. Nalgumas zonas que o permitiram, foi efetuado corte pastoreado, sem necessidade de recorrer a suplementação. O azevém também se encontra com bom desenvolvimento vegetativo, com folha larga e ainda não espigou. Ainda não foram efetuados cortes.



## Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal

No **Oeste**, no final do mês as searas de trigo apresentavam diversos estados de desenvolvimento. A maior parte encontrava-se com plantas Joelheiras (cerca de 50cm) e com as espigas em formação.

No entanto, algumas mais adiantadas encontravam-se já com espigas formadas e as mais novas com as plantas já aphiladas e com cerca de 30cm a 35cm de altura. As searas instaladas em terrenos mais baixos e com mais problemas de excesso de água, apresentavam um desenvolvimento vegetativo inferior ao normal que poderá interferir na produtividade final, bem como a presença de muitas plantas amareladas devido a asfixia radicular. Foram identificadas situações de alguma perda de cultura devido à morte de plantas. Nos terrenos mais altos e inclinados, não foram identificados problemas na cultura associados a excesso de água no solo. No que respeita à cevada, embora ainda tenham sido realizadas algumas sementeiras durante o mês, a elevada precipitação e o excesso de água no solo não permitiram semear a totalidade das áreas inicialmente planeadas e algumas searas instaladas no final de fevereiro tiveram de ser ressemeadas. A cevada apresentava um estado vegetativo abaixo do normal para a época, devido ao atraso na instalação da cultura e ao excesso de água que promoveu um crescimento mais lento das plantas, com cerca de 20cm de altura nas searas mais adiantadas. Algumas searas também apresentavam plantas amareladas devido a asfixia radicular, embora as situações sejam menos graves e sem identificação de plantas mortas. A aveia apresentava um estado vegetativo muito idêntico ao da cevada mais adiantada, com cerca de 20cm de altura.

No **Médio Tejo**, as searas de cereais praganosos de outono-inverno, no final do mês no geral encontravam-se com um desenvolvimento regular. Contudo, em algumas zonas instaladas em solos sujeitos a encharcamento,

com excesso de água de forma persistente, encontravam-se parte das searas perdidas ou o seu potencial produtivo afetado. As searas, em especial de trigo mole e aveia (semeadas em novembro), encontravam-se maioritariamente na fase de espigamento. No que respeita à cevada (díctica), verificavam-se searas com 5 a 6 folhas, a entrar na fase do encanamento e, as mais avançadas, já se encontravam em espigamento. Relativamente à variação de áreas semeadas em comparação com o ano anterior, especificamente no que respeita à cevada (díctica) é estimada uma redução, face à opção de alguns produtores da região não praticarem nesta campanha cereais praganosos quer por motivos associados ao baixo preço pago à produção quer por baixas produtividades obtidas na campanha anterior (rentabilidade baixa da cultura). No que respeita à produtividade dos cereais praganosos prevê-se um ligeiro decréscimo relativamente ao ano anterior, face aos problemas fitossanitários que assolaram as culturas, presumindo-se nesta fase que poderá haver um comprometimento do seu potencial produtivo. No entanto, considera-se ser ainda cedo para avaliar as consequências nas culturas e uma estimativa da variação da produtividade comparativamente ao ano anterior.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, a precipitação ocorrida e o excesso de água no solo, causaram o apodrecimento da raiz e o aparecimento de folhas amareladas de grande parte das culturas instaladas que irão causar, a curto prazo, a perda de produção nas zonas de maior encharcamento. Prevê-se assim, uma fraca produção.

Na **Grande Lisboa** as culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal foram afetadas negativamente pelo clima – muita chuva e frio.

Relativamente à cevada, apesar da adubação de cobertura realizada anteriormente, prevê-se uma diminuição acentuada da sua produtividade relativamente ao ano anterior, pois o excesso de água provocou o apodrecimento da maior parte das searas. Quanto ao trigo, nas terras mais drenadas atingiu a fase de emborrachamento (com cerca de 70cm de altura) e, nas terras mais encharcadas, manteve-se Joelheiro (com cerca de 50cm de altura). Na sua maioria a cultura foi afetada por ferrugem, tendo sido aplicados os devidos fungicidas com recurso a drones e tratores mais leves e com rodas de ferro, de modo a possibilitar a sua entrada nos terrenos.

Nos solos com menor drenagem registou-se maior número de infestantes, sobretudo margaça. Nos terrenos mais drenados, onde a precipitação provocou uma forte lixiviação, houve necessidade de adubação, sobretudo para reposição dos valores de azoto.

Na **Península de Setúbal** na cultura de trigo mole para grão, cuja sementeira apenas se realizou no final de fevereiro, as condições meteorológicas que se fizeram sentir ao longo do mês tiveram um impacto direto na cultura, que demorou muito tempo a germinar e cresceu pouco, pelo que se verifica atraso no seu desenvolvimento vegetativo.



**Culturas arbóreas e arbustivas: estado vegetativo; floração; produção de pomares de citrinos quanto aos aspetos de qualidade e quantidade**

### **Vinha**

No Oeste a vinha para vinho encontrava-se no início de um novo ciclo vegetativo, tendo sido identificado um ligeiro atraso na quebra de dormência devido à falta de horas de frio no Baixo Oeste. No final do mês a fenologia das videiras variava entre o estado A - Gomo de Inverno e F - Cachos Visíveis, dependendo das castas e da localização geográfica. As vinhas próximas do litoral apresentavam um estado fenológico inferior às localizadas no interior, o que foi associado à exposição

aos ventos marítimos. As castas que apresentavam um desenvolvimento vegetativo mais avançado eram a Fernão Pires nas castas brancas, a Caladoc e a Alicante Bouschet nas castas tintas.

Na Grande Lisboa a vinha para vinho estava cerca de duas semanas atrasada comparativamente ao ano anterior. No início do mês a maior parte da vinha concluiu a fase de abrolhamento, dando início à fase de folhagem durante a segunda quinzena do mês, com bom vigor vegetativo. Em termos de estados fenológicos, as castas de ciclo longo (Ramisco, Malvasia de Colares, Castelão) encontravam-se entre o estado C - Ponta Verde e o D - Saída das Folhas, enquanto as castas mais precoces (Fernão Pires, Chardonnay) já estavam com duas a três folhas no estado E - Folhas Livres. Na vinha para uva de mesa, o aspeto geral das videiras foi muito heterogéneo, encontrando-se cerca de duas a três semanas atrasadas em relação ao ano transato, resultado de asfixia radicular das videiras devido à elevada concentração de água nos solos, bem como à falta de horas de luz solar, fatores que são inibitórios do desenvolvimento das plantas. As castas mais avançadas como a Red Globe, Cardinal e Crimson apresentavam-se no estado fenológico D - Saída das Folhas, com duas a três folhas. As castas de ciclo mais longo, como Dona Maria e Vitória, estavam no estado C - Ponta Verde.

Na Península de Setúbal, no final do mês o desenvolvimento vegetativo da vinha era heterogéneo, de acordo com as castas e a altura de realização da poda, sendo que no geral, se encontrava abrolhada e em pleno crescimento. Nas castas brancas estava mais avançado, com destaque para a Fernão Pires. A maior parte encontrava-se no estado fenológico E - Folhas Livres, com cerca de 10cm de vara e menor quantidade no estado F - Cachos Visíveis, com 2 a 3 cachos por lançamento. Na casta Moscatel o abrolhamento estava a iniciar-se, estando no estado C - Ponta Verde. Nas castas tintas apenas a Castelão estava mais adiantada, com cachos visíveis, havendo castas ainda no estado C - Pontas Verdes a E - Folhas Livres. Em geral e no final do mês o desenvolvimento estava cerca de uma semana

atrasado relativamente a um ano normal. Relativamente à produção expectável, somente quando houver maior quantidade de cachos visíveis, o que deverá ocorrer em meados/finais de abril.

### **Pomóideas**

No Oeste as pomóideas já se encontravam em quebra de dormência. Devido às baixas temperaturas verificava-se um atraso no desenvolvimento dos pomares relativamente ao ano passado. Os pomares de pera Rocha encontravam-se predominantemente entre os estados fenológicos C3 - Abrolhamento e D - Ponta verde e alguns no estado fenológico E - Botão branco. Os pomares de maçã da variedade Gala, na generalidade, apresentavam-se nos estados fenológicos B - Pré-abrolhamento e C - Abrolhamento e as variedades Fuji e Reineta no estado B.

Na Grande Lisboa, no final do mês a maior parte dos pomares de pereiras encontravam-se no estado fenológico C3 - Abrolhamento. Nos pomares mais precoces, algumas pereiras encontravam-se no estado D - Ponta verde, com os gomos abertos vendo-se as pontas das folhas e outras, ainda mais avançadas, no estado E - Botão branco, com os pedúnculos dos botões florais alongados e separados, vendo-se as pétalas. Relativamente às macieiras ainda não existe informação a referir.

Na Península de Setúbal, no final do mês as pereiras apresentavam-se com botão floral ou em início de floração, situação esta idêntica à campanha anterior. Nas macieiras o desenvolvimento estava, em geral, mais atrasado, ainda sem botões florais visíveis, o que representa cerca de cinco semanas de atraso relativamente ao ano anterior e poderá constituir um problema para o desenvolvimento e consequentemente para o calibre dos frutos.

### **Prunóideas**

No Oeste os damasqueiros encontravam-se no estado fenológico H - Fruto vingado. As ameixeiras, dependendo das variedades, as mais precoces encontravam-se nos

estados H - Fruto vingado e, as mais tardias, em botão verde ou no estado D - Aparecimento das pétalas.

Na Península de Setúbal, as ameixeiras encontravam-se no final do mês em floração.

### **Figueiras**

No Médio Tejo, as variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine, encontravam-se na fase de abrolhamento e no final do mês já eram visíveis os figos lampos.

Na Grande Lisboa, a atividade vegetativa das cultivares iniciou-se entre a segunda quinzena de fevereiro e a primeira quinzena de março. No final do mês, as figueiras encontravam-se na fase de entumescimento dos gomos, dentro do que seria expectável.

### **Amendoeiras**

Na Península de Setúbal o amendoal encontrava-se na fase de vingamento e crescimento do fruto (com cerca de 1,5cm). Na fase da floração existia uma boa mostra de frutos, no entanto, as condições climáticas levaram a muita queda de flor e consequentemente a menos frutos vingados.

### **Citrinos**

No Médio Tejo, nos pomares de citrinos, em especial de limão, a cultura encontrava-se na fase de colheita (iniciada no final de fevereiro) decorrendo a mesma com atraso pelas interrupções da operação face às condições de tempo desfavoráveis. A cultura encontrava-se em simultâneo com a emissão de novas rebentações, verificada com menor expressão comparativamente a período igual do ano anterior. Estima-se que a produção da presente campanha seja muito menor (contrassafra) do que a do ano anterior. Na colheita em curso denotava-se uma grande perda de produção por queda de frutos e com pouca qualidade, casca muito danificada (refugo) pelo efeito do tempo ocorrido neste mês (principalmente pela chuvas frequentes e intensas e vento mais forte).

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a colheita de laranja terminou na primeira quinzena de fevereiro. Seguidamente foi efetuada uma poda ligeira, retirando

essencialmente os ramos ladrões e os ramos secos. Como o período de chuvas foi longo, notou-se que as árvores estavam ligeiramente amareladas, em especial nas zonas mais baixas, onde a drenagem é mais deficiente. Iniciou-se o abrolhamento. Perspetiva-se a plena floração em meados de abril.

Na Grande Lisboa, o desenvolvimento fenológico dos limoeiros foi inibido pelas condições climáticas, pelo que se mantém o referido no mês anterior, “... os pomares de limoeiros apresentavam frutos prontos a colher e outros vingados em crescimento, constatando-se uma redução de produtividade na ordem dos 30% quando comparado com o ano de 2024, ...”.

Na Península de Setúbal ao longo do mês continuou a colheita nos pomares de tangerineiras, estando previsto terminarem durante o mês de abril. Nos pomares de limoeiros os frutos apresentavam-se com bom desenvolvimento e bom aspeto fitossanitário. A colheita que estava prevista para meados de março, deverá ocorrer no início de abril.



### Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e funda

No **Oeste**, como já referido nos relatórios dos meses anteriores, a atividade dos lagares foi antecipada para acompanhar a colheita mais precoce da azeitona, tendo terminado a laboração no final de novembro. Comparativamente ao ano anterior, a qualidade final do azeite foi inferior devido à azeitona apresentar menos qualidade por razões fitossanitárias.

No azeite obtido, prevaleceu a classificação de azeite virgem e menor quantidade de azeite extra virgem. Verificou-se também uma descida do rendimento da azeitona na produção de azeite devido ao aumento do teor de água no fruto e à antecipação da colheita face à rápida deterioração dos frutos na árvore, não tendo permitido por vezes uma maturação adequada. Em média foi alcançada uma funda (peso de azeite/100kg

de azeitona) de 10,8%, inferior ao ano anterior em cerca de 0,5%.

No **Médio Tejo** os lagares encontravam-se fora de laboração. Relativamente à produção de azeite mantém-se o referido no relatório anterior: “A campanha decorrente pode caracterizar-se por uma menor produção relativamente ao ano anterior, muito aquém do esperado ao longo da campanha. Para além disso, a produção colhida apresentou um rendimento mais baixo para azeite, verificando-se que da azeitona proveniente dos olivais tradicionais (variedade Galega) se obteve uma funda entre os 10%-11%, com um nível de acidez mais alto, resultado da qualidade média da azeitona.”



### Plantação de batata (sequeiro e regadio); andamento da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste**, perspetiva-se um aumento de área comparativamente ao ano anterior, decorrente de um maior volume de batata de semente transacionada. Na campanha anterior, apesar de todas as adversidades que condicionaram a cultura, a batata atingiu valores de comercialização interessantes para os produtores, funcionando como um incentivo para a realização da cultura em 2025. No entanto, no final do mês as sementeiras encontravam-se bastante atrasadas. As condições climáticas de chuva persistente e os elevados níveis de água no solo condicionaram fortemente a realização de novas sementeiras ao longo de todo o mês, as quais estiveram muito paradas. Perspetiva-se a realização de sementeiras tardias que tendem a ser menos produtivas, havendo a possibilidade de não se conseguir realizar a totalidade das sementeiras previstas.

As culturas instaladas nos meses anteriores, de sequeiro e de regadio, estiveram sujeitas a condições climáticas muito adversas de precipitação persistente e de vento forte.

Devido ao excesso de humidade no solo e temperaturas baixas as culturas apresentavam sintomas de *stress*, verificando-se um menor desenvolvimento radicular e vegetativo.

O vento danificou a parte aérea das plantas. Foi afetada a capacidade produtiva, com o desenvolvimento de menos tubérculos por planta. Também foram identificadas muitas podridões nos tubérculos.

Não sendo ainda possível avaliar o impacto na cultura e estimar a produtividade das searas instaladas, perspetiva-se uma quebra de produtividade acentuada relativamente a um ano normal, principalmente nas sementeiras mais precoces. Também se perspetiva que estas condições difíceis de desenvolvimento da cultura condicionem negativamente a qualidade da produção, esperando-se uma elevada incidência de defeitos, como rachamentos e podridões, menores calibres e uma fraca capacidade de conservação.

No **Médio Tejo** a plantação de batata para indústria (regadio) iniciou-se como habitual em fevereiro. No entanto, face às condições climáticas ocorridas ao longo do mês de março (chuvas intensas) verificou-se a interrupção e conseqüente atraso da plantação da cultura pela impossibilidade de acesso às terras (solos encharcados).

A instalação da cultura foi retomada na última semana de março, estando a sua continuidade dependente das condições de pluviosidade que vierem a ocorrer nas semanas mais próximas. Nesta fase, ainda estão algumas áreas por plantar, prevendo-se o atraso na entrega dos volumes contratados com a indústria, receando-se que muitos produtores não consigam instalar a cultura em tempo útil para esse efeito.

É estimada uma redução das áreas semeadas quando comparado com período igual do ano anterior (que foi igualmente uma campanha atrasada), não sendo ainda possível estimar a variação das áreas relativamente ao ano anterior.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** devido às condições meteorológicas que se fizeram sentir, apenas existe 63% de área plantada de batata de regadio.

Na região da **Península de Setúbal** a cultura da batata é efetuada em regadio.

Conforme referido no relatório anterior, e com a continuação da ocorrência de precipitação ao longo deste mês, as condições de encharcamento dos solos prejudicaram a germinação, provocando a asfixia radicular e o apodrecimento do tubérculo, com implicações no desenvolvimento da cultura em termos quantitativos e qualitativos.

8 de abril de 2025

## DADOS METEOROLÓGICOS

Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Gago Coutinho	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	25,9	23,9	24,8	24,3	25,3	25,5	26,9	25,9	26,7	27,7
Dia	31	30	31	31	30 e 31	31	31	31	31	31
Valor médio da temperatura máxima (°C)	17,5	15,7	17,0	17,0	18,2	18,1	18,2	18,4	18,5	18,7
Temperatura máxima normal para a época (°C)	18,6	—	—	18,3	19,4	19,1	19,5	20,1	-	20,1
Temperatura mínima (°C)	3,3	4,7	3,5	7,5	3,9	3,6	4,3	2,5	1,1	0,8
Dia	15	3	15	23	15	15	15	15	15	15
Valor médio da temperatura mínima (°C)	8,0	8,0	8,5	9,9	8,0	7,7	8,8	7,6	7,4	6,8
Temperatura mínima normal para a época (°C)	6,7	—	—	10,2	7,6	7,1	8,6	6,0	—	5,0
Temperatura média normal para a época (°C)	12,6	—	—	14,2	13,5	13,1	14,0	13,1	—	12,5
Horas de frio	634	375	463	174	556	564	349	766	788	905
Rajada máxima de vento (Km/h)	76,7	97,6 <sup>(a)</sup>	128,5	91	65,2	73,8	98,3	80,3	68,8	64,4
Dia	19	20	20	20	20	8	21	10	19	20
Número de dias com precipitação	21	—	21	20	18	24	23	23	22	22
Precipitação acumulada no mês (mm)	166,6	—	224,1	192,0	180,1	211,4	187,9	177,0	191,5	172,9 <sup>(b)</sup>
Precipitação normal para a época (mm)	59,9	—	—	50,8	52,9	41,6	47,7	41,9	—	49,6
Precipitação diária máxima no mês (mm)	27,5	—	33,0	36,3	25,7	33,2	25	26,5	30,7	40,2
Dia	21	—	20	20	20	20	20	8	10	10
Humidade relativa média diária mínima (%)	49	54	54	46	54	57	46	70	57	55
Humidade relativa média diária máxima (%)	91	95	97	93	95	100	94	100	94	97
Humidade relativa média (%) do mês	78	82	85	78	80	91	82	88	81	84

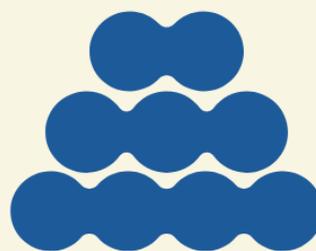
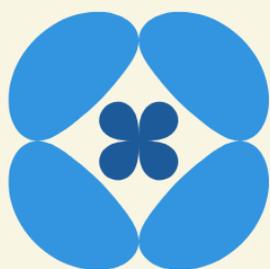
### Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1981-2010 da respetiva estação, com exceção da estação de Pegões, cujos valores das Normais Climatológicas são os de 1971-2000. Na estação meteorológica Lisboa/Gago Coutinho não houve registos de “Rajada máxima de vento”, pelo que a informação assinalada foi recolhida na estação meteorológica Lisboa/Tapada da Ajuda.

- a) Falha de dados nos dias 8, 9, 10 e 11.
- b) Falha de registo de precipitação nos dias 21 a 23.

– Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h:30 UTC.



**CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.**  
**RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37**  
**1250-009 LISBOA**

**TEL.: +351 213 837 100    GERAL@CCDR-LVT.PT    WWW.CCDR-LVT.PT**